

## OS PRINCIPAIS PONTOS DA COMISSÃO

A nossa estratégia tem de ser concebida para o longo prazo, para orientar o desenvolvimento das forças, a aquisição de armas e a negociação de armamentos. Os armamentos que o Pentágono escolher hoje servirão as nossas forças bem dentro do próximo século. Acordos sobre armamentos levam anos para serem negociados e permanecem em vigor durante décadas.

A nossa estratégia terá também de ser integrada. Não devemos decidir isoladamente questões como a nova tecnologia, estrutura de forças, mobilidade e bases, armas convencionais ou nucleares, ameaças extremas e conflitos no Terceiro Mundo. Temos necessidade de adaptar os nossos planos e as nossas forças para uma ampla variedade de conflitos, de mais baixa intensidade e mais elevada probabilidade até ao mais apocalíptico e menos provável.

### Os próximos vinte anos

As próximas décadas trarão provavelmente mudanças drásticas: China, talvez Japão e outros países, tornar-se-ão grandes potências militares. Potências menores adquirirão armamentos avançados diminuindo as vantagens relativas tanto em relação às forças americanas como às soviéticas. Acordos de armamentos poderão ter um impacto bastante grande sobre as forças nucleares e convencionais.

Importantes interesses americanos continuarão a ser ameaçados em frentes muito mais próximas dos nossos adversários do que dos Estados Unidos. A nossa capacidade/dissuasão da agressão nestes lugares distantes será comprometida pela incerteza de os aliados e amigos nos garantirem acesso às bases e direitos de sobrevoo, ou de se nos ajuntarem na preparação de defesa para responder a ambíguos sinais de aviso. As nossas dificuldades de acesso po

derão piorar em consequência de conflitos no Terceiro Mundo que ponham em perigo bases dos USA ou conduzam à expansão soviética em áreas previamente livres de forças soviéticas.

Tecnologia militar mudará substancialmente nos próximos 20 anos. Temos dependido de armas nucleares e outros armamentos avançados para dissuadir ataques contra os nossos aliados, mesmo depois dos soviéticos terem anulado a nossa vantagem nuclear. Se a pesquisa militar soviética continuar a exceder a nossa, ela vai minar a vantagem qualitativa na qual temos confiado por muito tempo.

#### Uma estratégia integrada de longo alcance

A estratégia é concebida a partir de um certo número de princípios, alguns exigindo ajustamentos radicais, outros reafirmando elementos-chaves no corrente esforço de defesa.

- Devemos realçar um leque mais amplo de contingências do que as duas ameaças extremas que têm dominado por muito tempo a nossa política de alianças e o planeamento das forças: o ataque massivo do Pacto de Varsóvia na Europa Central e um ataque nuclear soviético. Ao concentrar nesses casos extremos, os nossos planificadores (estrategas?) tendem a negligenciar ataques que exigem diferenciar respostas militares e o risco de que nestas situações alguns aliados podem optar por ficar de fora.

- Para ajudar a defender os nossos aliados e os nossos interesses no exterior, não podemos ficar dependentes de ameaças que se espera provoquem a nossa própria aniquilação se levadas a cabo. Em tempo de paz, uma estratégia baseada em tais ameaças minaria o apoio para a defesa nacional. Numa crise, dependência em tais ameaças poderia falhar catastrófica por falta de apoio público. Temos de ter respostas militarmente efectivas que possam limitar a destruição, se não quisermos estimular a destruição daquilo que estamos a defender.

X - Temos de diversificar e fortalecer a nossa capacidade de levar forças diferenciadas não - nucleares a chegar rapidamente onde são necessárias, em tempo para fazer malograr a agressão. Para esse fim, nós e os nossos aliados, precisamos de explorar as novas tecnologias de precisão, controle e informação que podem proporcionar as nossas forças convencionais capacidades selectivas e mais efectivas para destruir alvos militares.

- Tanto a nossa posição convencional como a nuclear deve basear-se num misto de sistemas ofensivo e defensivo. Para ajudar a dissuadir um ataque nuclear e para tornar mais segura a redução de armas ofensivas precisamos de uma defesa estratégica. Para dissuadir ou responder a uma agressão convencional, precisamos de uma capacidade para operações de contra-ofensiva convencional no âmbito do território inimigo.

- Controle de espaço em tempo de guerra vem-se tornando progressivamente mais importante. Numa guerra convencional a nossa capacidade no espaço - crítica para comunicações, informação e controle das nossas forças - tem de ter a faculdade de sobreviver e de ser substituída. O inimigo tem de ser impedido de usar o espaço livremente para alvejar as nossas forças.

- Teremos necessidade de aptidão para ataques nucleares diferenciados para dissuadir um ataque nuclear limitado contra as forças aliadas ou dos Estados Unidos e, se necessário, para deter uma invasão massiva. Modernização das forças nucleares britânicas e francesas podem contribuir para a defesa comum.

- Para ajudar a proteger os interesses dos USA e os aliados no Terceiro Mundo, teremos necessidade de um maior consenso nacional tanto quanto aos meios como quanto aos fins. Os nossos meios devem incluir:

- Assistência de segurança a um nível mais elevado e com menos restrições legislativas que perturbem a sua eficácia.

- Forças versáteis e móveis, mínimamente dependentes das bases no ultramar, que podem lançar ataques precisamente controlados contra alvos militares distantes.

- Aliados que nos ajudam a defender interesses comuns para além das fronteiras da aliança.

- Em casos especiais, assistência dos USA a rebeldes anti-comunistas que resistem um regime hostil imposto de fora ou um regime que ameaça os seus vizinhos. O Mundo livre não continuará livre se as suas opções são apenas para se manterem estáticas ou para retroceder.

- A nossa política de controle de armamentos deve dar ênfase crescente a reduções convencionais. Reduções cuidadosamente concebidas de armas nucleares poderiam conduzir a um equilíbrio mais seguro entre forças ofensivas e defensivas. Eliminação da grande vantagem soviética em tanques, artilharia e outros equipamentos pesados ajudaria tanto a segurança da OTAN como a economia soviética e daí ser do interesse para ambos os lados. A fim de desencorajar violações, o cumprimento dos acordos de armamento tem de ser verificável e apoiado por uma capacidade industrial de mobilização e vontade política para responder efectivamente no caso do acordo falhar.

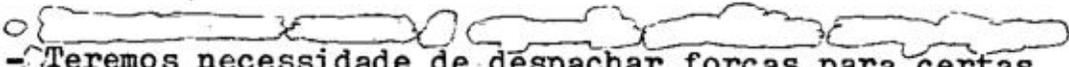
- Considerando os perigos e incertezas que enfrentam o nosso país e os nossos aliados no futuro, os orçamentos de defesa e de assistência militar devem crescer em ritmo regular de harmonia com a nossa crescente (?) economia. O orçamento de defesa dos Estados Unidos nos próximos anos deve ser orientado pelas prioridades estratégicas esboçadas, permitindo economias em algumas áreas e fornecendo melhorias necessárias noutras áreas. Em períodos em que o orçamento de defesa dos USA não aumenta, temos de suportar o crescimento continuado em equipamentos que fazem os nossos navios, aviões e outras "plataformas" mais eficazes - tais como avançados materiais de guerra não-nucleares, mísseis táticos convencionalmente armados, sensores e sistemas de comunicação.

Os princípios acima referidos implicam mudança. Mas a nossa estratégia implica muitas coisas que não mudam:

- Temos de manter um misto de armas ofensivas estratégicas, comando e capacidade de controle com faculdade de sobreviver que possam, em todas as circunstâncias, dar resposta e por conseguinte, deter um ataque nuclear massivo visando eliminar as nossas forças nucleares e outros alvos.

- No futuro, mesmo mais do que nos últimos quarenta anos, os Estados Unidos terão necessidade que os seus aliados participem nos riscos e nos encargos da defesa comum.

- Procuraremos conter a expansão soviética em qualquer região do mundo.

  
- Teremos necessidade de despachar forças para certas áreas críticas e ameaçadas.

- Manteremos como capacidade de reforço componentes móveis activos e na reserva nos Estados Unidos.

- Com forças muito mais pequenas do que as dos soviéticos, precisamos não só de continuar a ter em campo melhores equipamentos, mas também manter alta qualidade, formação (treino) superior e excelência no comando de homens e mulheres que servem nas nossas forças armadas.